Figurações da AIDS em *As iniciais*, de Bernardo Carvalho

Figurations of AIDS in the novel As iniciais, *by Bernardo Carvalho*

Milena Mulatti Magri*

Resumo: A AIDS é um tema frequentemente abordado pela obra de Bernardo Carvalho. Em seu romance *As iniciais* (1999), procuramos identificar as descrições e as várias metáforas presentes no livro que apontam para a presença da doença. Diante de uma situação de forte abalo físico e emocional, como a confirmação de uma doença grave, a metáfora se apresenta, no romance, como um meio viável para a verbalização de uma experiência incomunicável e incompreensível.
Palavras-chave: Bernardo Carvalho, AIDS, metáfora

Abstract: AIDS is a subject frequently discussed by the work of Bernardo Carvalho. On his novel *As iniciais* it is possible to identify descriptions and several metaphors present on the book which point to the presence of the disease. Before a situation of strong physical and emotional upheaval, as the confirmation of a serious illness, the metaphor is presented on the novel as a viable way to verbalize such incommunicable and incomprehensible experience.
Keywords: Bernardo Carvalho, AIDS, metaphor.

---

* Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo (USP), com tese apresentada ao programa pós-graduação em Literatura Brasileira. Possui Graduação em Licenciatura em Letras e Mestrado pela UNESP - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, campus de São José do Rio Preto.

A AIDS é um tema de relevância na literatura brasileira produzida entre as décadas de 1980 e 1990. A divulgação dos primeiros casos da doença, primeiramente no exterior e, pouco depois, no Brasil, provocou alarde ao congregar questões caras à circunstância histórica da época. Desde as décadas de 1960 e 1970, o movimento contracultural e a revolução sexual não só promoviam uma transformação de costumes como também atuavam como um contraponto à ordem vigente, garantida pelo regime militar, no Brasil, e que se assegurava, sobretudo, por meio do controle do corpo e do prazer. A revolução sexual se tornou possível, entre outros fatores, devido à ampliação do uso da pílula anticoncepcional e, também, por meio da afirmação das diferentes sexualidades que até então eram consideradas divergentes em relação à heteronormatividade instituída.

O surgimento da AIDS se configurou como uma espécie de trauma que colocava em risco o potencial questionador e libertador da revolução sexual e suas conquistas no campo cultural, alcançados até aquele momento. Em seu ensaio "AIDS e suas metáforas", Susan Sontag aponta "a utilidade da AIDS para promover uma das principais atividades 'neoconservadoras', a *Kulturkampf* voltada contra tudo aquilo que é resumido (ainda que de modo impreciso) na expressão 'os anos 60'" (SONTAG, 2007, p. 126). Ainda segundo Sontag, as primeiras notícias da doença apontavam para a recorrência de um câncer de pele, o Sarcoma de Kaposi, que se desenvolvia em função de uma deficiência no sistema imunológico dos pacientes, a princípio, identificados, sobretudo, como homossexuais.[1]

A descoberta de uma doença nova, cujos meios de contaminação não eram ainda bem identificados, associada a um grupo de pessoas que era visto de forma marginal ou, mesmo, imoral, são fatores que, uma vez associados, tinham por consequência imediata a proliferação de preconceitos não só contra os pacientes como também contra a própria doença. A identificação da doença com os chamados "grupos de risco" e, mais pejorativamente, a denominação de um problema de saúde pública como "câncer gay" são indicativos do preconceito vi-

[1] Euclides Ayres de Castilho e Francisco Inácio Bastos, em seu artigo "Aids (1981-1997): o rastro de uma tormenta" (1997) procuram traçar um panorama a respeito das pesquisas científicas sobre a AIDS, desde aquelas que permitiram a identificação da doença e do vírus, no início da década de 1980, até os avanços médicos alcançados em 1997, data da publicação do artigo – posterior à comprovação de resultados positivos no controle da doença por meio do uso do coquetel. Nesta recuperação histórica, os autores mencionam os três primeiros grupos que foram atingidos pela AIDS: homossexuais, usuários de drogas injetáveis e hemofílicos.

gente na sociedade da época, disseminado e alimentado, inclusive, pelos meios de comunicação em massa.

A discussão acerca dos "grupos de risco", associados aos portadores do vírus da AIDS, vincula-se à reflexão elaborada por Vladimir Safatle a respeito do conceito de normatividade vital. Em seu artigo "O que é uma normatividade vital?", Safatle retoma alguns aspectos da obra do médico e filósofo Georges Canguilhem, com o intuito de desconstruir as bases que definem conceitos como os de doença e saúde. A partir de Canguilhem, Safatle ressalta que a definição de saúde é estabelecida somente depois que se toma consciência a respeito do que seja a doença. Deste ponto de vista, portanto, a saúde passa a ser compreendida como uma espécie de normatividade, de situação ideal em que um organismo atenderia a todas as funções vitais sem gerar sofrimento. Já a doença, ao contrário, "não tem gramática própria. A maneira com que ela fala depende da maneira com que organizamos o que há a ser visto e ouvido" (SAFATLE, 2011, p. 12). Ao apontar esta relação entre saúde e doença, mais especificamente, uma relação em que a definição de saúde seja estabelecida somente *a posteriori* em relação à doença, Canguilhem e, a partir dele, Safatle abrem caminho para o questionamento de uma visão naturalizada e, por isso, ideológica, a respeito do que se entende por saúde:

> Pois é ideológico todo sistema de saber e de orientação da práxis que procura naturalizar seus dispositivos de justificação, como se estivéssemos diante de "fatos que falam por si mesmos". Neste sentido, podemos perguntar: afinal, o sofrimento é um "fato que fala por si mesmo" ou é um fenômeno que é levado a falar no interior de contextos sócio-históricos determinados? (SAFATLE, 2011, p. 12)

Desse modo, em uma visão dicotômica, tanto a noção de saúde como norma e, portanto, a de doença como desvio e desregramento, passam a servir como parâmetros de ordenação social: "a 'saúde' aparece como categoria fundamental de imposição de uma normatividade social à vida" (SAFATLE, 2011, p. 13). Saúde e doença são construções sócio-históricas que passam a ser compreendidas como naturais e, com isso, a justificar determinadas exclusões ou reordenações de caráter social. Esse processo pode ser identificado com o processo de exclusão a que foram submetidos os chamados "grupos de risco", que foram

identificados logo em seguida ao anúncio dos primeiros casos de contaminação pelo vírus HIV e do desenvolvimento dos primeiros sintomas da AIDS.

Quase que concomitantemente à descoberta da doença, uma série de pessoas – em especial os homossexuais – foram rapidamente identificadas como doentes em potencial e a isso se seguiu o crescimento do preconceito que justificava a exclusão e a condenação dos modos de vida dessas pessoas. O artigo de Andrea Giovannetti e Iolanda Évora aborda o processo de formação da identidade de pacientes acometidos pela Aids e ressalta que o componente social, caracterizado por um profundo preconceito, é determinante na construção de uma autoimagem do próprio paciente em relação a si e à doença: "Física e psiquicamente essas pessoas tornam-se *resistentes*, cremos que menos ao desenvolvimento da doença e mais a representações, internalizadas ou não, do imaginário social que as empurra para o corredor da espera. Espera na qual, quanto mais se ganha em tempo, menos se tem em dignidade" (GIOVANNETTE, ÉVORA, 1997, p. 129).

A obra de Bernardo Carvalho reserva um lugar significativo para o tema da AIDS, sobretudo, em seus primeiros livros, publicados na década de 1990. Em seu livro *Onze*, publicado em 1995, identificamos, pelo menos, três histórias em que a AIDS está presente de forma contundente. O livro apresenta diferentes narrativas, inicialmente desvinculadas umas das outras, como em uma coletânea de contos. O último conto, no entanto, narra um massacre em um aeroporto de Paris, no qual onze diferentes personagens, apresentados nos contos narrados anteriormente, são assassinados de forma brutal. Na primeira história do livro, "O sítio", que coincide com a primeira parte da obra, um grupo de amigos e familiares se reúne em um fim de semana, num sítio, próximo à área urbana do Rio de Janeiro. O casal Antônio e Dulce vivenciam o drama da descoberta da soropositividade. Antônio sai de carro com a esposa, a pretexto de comprar o jornal, e demoram muito a retornar para o sítio, o que gera preocupação entre os demais amigos. Quando retornam, já não há mais ninguém na casa, pois todos haviam saído para procurá-los. Dulce está em estado de choque com a notícia que recebera do marido, de que ele havia descoberto que estava contaminado com HIV e que, portanto, ela deveria fazer o teste. Eles deixam o sítio sem comentar seu drama com mais ninguém.

Outro conto, "A fotógrafa", da terceira parte do livro, inicia com o parágrafo: "No dia 11 de novembro, às onze da manhã, quando publicaram o relatório,

Nova York era a capital da AIDS, com 235 mil soropositivos e 42 454 casos registrados da doença, dos quais 70% já tinham morrido" (CARVALHO, 1995, p. 95). O parágrafo inaugural aponta para uma forma de representação da AIDS como uma espécie de epidemia urbana. A seguir, o conto apresenta a história dos personagens Verônica e Ronald. Ronald é soropositivo e já identifica sinais do desenvolvimento da doença, por meio de feridas em regiões íntimas de seu corpo. Ele confidencia à amiga que havia tido uma relação sexual com um jornalista que conhecera, na noite anterior, sem proteção e sem contar ao parceiro sobre seu estado de saúde. Verônica fica abalada com a história e com a ausência de qualquer sinal de remorso do amigo e decide seguir o paradeiro do jornalista para dar-lhe a notícia de que ele poderia ter sido contaminado.

Já em outro conto, "Os órfãos", por fim, um casal de irmãos, Cristina e Guilherme, órfãos de pai e mãe, fogem da casa da avó, responsável por eles, legalmente. A menina mais velha conta sua história para um motorista que lhes oferece carona. Ela baseia sua narrativa nas memórias que tem de seus pais, já falecidos. A partir dos relatos da menina, inferimos que a causa da morte de seus pais seja em decorrência das complicações de seu estado de saúde devido à contaminação pelo vírus HIV.

No romance *As iniciais*, publicado já no fim da década, em 1999, é possível identificar a presença da AIDS por diferentes maneiras, em todo o livro. O romance se divide em duas partes: A. e D.. Na primeira parte do livro, acompanhamos a narração em primeira pessoa de um narrador anônimo, que se identifica como jornalista. Ele e seu companheiro, C., passam um fim de semana entre amigos, em um antigo mosteiro, alugado por um artista. Nesse fim de semana, ele conhece A., um personagem sobre quem pouco se sabe a respeito. Já na segunda parte do livro, o narrador, muitos anos mais tarde, já separado de C., vai a um almoço, no Rio de Janeiro, e conhece D., um suposto pintor francês. No entanto, o protagonista acredita que D. seja, na verdade, A., que conhecera anos antes.

Essa relação de contiguidade entre as duas partes, como proposta pelo narrador, é analisada por Graciela Ravetti (2007) como "dípticos". Esse termo, recuperado pela estudiosa, está presente no romance *Os bêbados e os sonâmbulos*, publicado por Bernardo Carvalho em 1996. Neste romance, os dípticos se referem a um conjunto de quadros que eram apresentados em duas partes desmembradas, sendo que a intenção do pintor do quadro era de que uma par-

te completaria o sentido da outra. Desse modo, Ravetti enfatiza uma relação de complementariedade entre as partes do romance e, ao mesmo tempo, de incompletude em cada uma delas, ao nomeá-las de dípticos, num gesto alusivo aos quadros do romance publicado anteriormente. Este procedimento de separação do livro em duas partes que se evocam mutuamente é frequente na obra de Bernardo carvalho, sendo observável, ainda, nos romances *Teatro* (1998) e *Medo de Sade* (2000). A relação entre as duas partes, que pressupõe um espelhamento e uma relação de identidade, contudo, dá ênfase, justamente, a uma relação de descontinuidade e incongruência, uma vez que nem o leitor nem o narrador são capazes de identificar com precisão quais os elementos que se repetem e se reafirmam, nas duas partes do relato. Segundo Paulo Cesar Thomaz, sobre *As iniciais*:

> os processos discursivos são suspensos pela entrada dessa nova narrativa. A *doxa* do relato é subvertida com os novos sentidos dessa segunda parte. Será o mesmo narrador? Podemos distinguir laços comuns entre personagens e intrigas? O leitor se lança em uma busca por identificar, reconhecer algo que o remete a essa unidade. O paradoxo volta a ser um princípio narrativo, suspendendo significados, transgredindo limites e contradizendo as lógicas discursivas presentes até o momento. (THOMAZ, 2009, p. 101)

Uma das características marcantes da narrativa é que ela quase não apresenta nomes, datas ou referências espaciais. É possível identificar, pela descrição do espaço, que a primeira parte da história se passa em um antigo mosteiro europeu em uma região litorânea e, mais adiante, há uma referência ao uso da língua francesa. Estas duas informações poderiam ser indícios de que a história da primeira parte do livro tivesse se passado no sul da França. Ainda na primeira parte, o narrador apresenta, por meio de passagens fragmentárias, a história dos demais personagens que conhecera no mosteiro, M. – um escritor; H. e G. – um casal; e A. – um vizinho muito rico do mosteiro. Estas breves passagens nos permitem saber que quase todos haviam sido contaminados pelo vírus HIV e que M. já apresentava os sinais da doença.

> Não me lembro se naquele tempo eu já sabia. M. tinha me falado “sem mais nem menos”, como ele mesmo dissera, uns anos antes, numa noite de inverno em R.,

> sobre a sua própria doença, dando-me uma prova de confiança que na época muito me comoveu [...] (CARVALHO, 1999, p. 13)

> Tinha emagrecido muito desde a última vez. Não sei de onde tirava sua força. Não reclamava de nada, como se o corpo, que sofria, fosse acessório. (CARVALHO, 1999, p. 16)

Um dilema fundamental do livro, no entanto, é que em momento algum nem o nome do vírus – HIV – nem o nome da doença – AIDS – são pronunciados literalmente. O leitor é induzido a concluir que a doença dos personagens a que se faz referência se trate da AIDS por conta do tipo de vocabulário e, sobretudo, por meio dos dramas pessoais dos personagens, rapidamente mencionados pelo narrador. No excerto acima, verifica-se que M. revela ao narrador a sua doença e esse gesto é interpretado pelo próprio narrador como uma demonstração de confiança no compartilhamento de um segredo. Isso porque a AIDS, sobretudo no período de divulgação dos primeiros casos da doença, era alvo de preconceito e incompreensão e, desse modo, os pacientes acometidos pela doença geralmente optavam por escondê-la, como um meio de se proteger da exclusão social a que estariam sujeitos. Além dos indícios de que o estado de saúde dos personagens acometidos pela doença fosse tratado como um segredo ou uma informação estritamente pessoal, o narrador utiliza um vocabulário próprio das décadas de 1980 e 1990 para fazer referência à AIDS: "Mas não me lembro de tê-la ouvido contar da própria boca que também ela tinha sido contaminada, como diziam naquela época" (CARVALHO, 1999, p. 14).

Embora as referências indiretas à doença sejam pontuais, no romance, o narrador não deixa de enfatizar a dimensão do sofrimento tanto físico quanto emocional que enfrentaria uma pessoa diagnosticada com o vírus HIV ou com AIDS.

O controle da doença só seria estabelecido em meados da década de 1990. Até então, desde que foram noticiados os primeiros casos, a AIDS ou a confirmação da contaminação pelo vírus eram considerados uma sentença de morte e fonte de profunda angústia: "G. morreu seis meses depois de M., de uma maneira fulminante [...], pegando todo mundo desprevenido, já que não tinha apresentado antes os sinais da doença que havia debilitado M. ao longo dos anos, até deixá-lo um fiapo de gente" (CARVALHO, 1999, p. 14-5). Com o surgimento das primeiras medicações que eram capazes de conter os efeitos do vírus

e, com isso, atenuar o desenvolvimento da doença, foi possível um avanço na qualidade de vida dos pacientes. Ao mesmo tempo, com estudos e a ampliação do conhecimento sobre as formas de contaminação, foi possível dar início a um processo de esclarecimento da população e, com isso, amenizar o preconceito com relação às pessoas que haviam sido diagnosticadas ou com o vírus ou com a manifestação da doença. Inicia-se, desse modo, um segundo momento na forma com que se lidava com a AIDS, que poderia ser encarada não mais como uma sentença de morte, mas que, ainda assim, exigiria uma reformulação na maneira como lidar com o próprio corpo e com as relações interpessoais. Este processo de controle clínico dos problemas provocados pela doença foi concomitante, no entanto, às várias perdas de amigos ou familiares que apresentavam o quadro de um estágio mais avançado:

> [...] em dois anos, ela seria dos três que nos recebiam na ilha a única a restar viva, que sobreviveria a M. e G. para arcar com o ônus de uma realidade que se resume, ainda hoje, à educação dos filhos traumatizados pelo desaparecimento súbito de G. e desconfiados do estado de saúde da mãe, [...] e ao acompanhamento diário do progresso, felizmente lento e controlado, da sua própria doença. (CARVALHO, 1999, p. 14)

Durante o fim de semana, no mosteiro, o protagonista é apresentado, ainda, a outros personagens, vinculados a A., o vizinho. A apresentação que o narrador nos oferece de A. dá relevância para aspectos que acentuam traços que o envolvem em uma espécie de mistério. Sabemos pouco a seu respeito, a não ser que era de família rica e que era um rapaz bastante atraente e sedutor. M., H. e G. decidem oferecer um jantar e convidam A., que traz ainda outros convidados. M. tinha a intenção de que o jantar se tornasse uma espécie de performance artística a ser registrada nos arquivos do mosteiro, mas o jantar se revela um fracasso. Nesta noite, contudo, um dos convidados de A. – mais precisamente, o namorado do irmão dele – entrega ao protagonista uma caixinha de madeira com algumas iniciais entalhadas com algum objeto pontiagudo. Esta caixinha se torna o emblema de um mistério e, ao mesmo tempo, de um dilema, na vida do protagonista:

> Na tampa, que era de madeira escura, tinham sido entalhadas às pressas, provavelmente com um canivete ou uma faca de ponta, porque o resultado, ao contrário do acabamento do resto da caixinha, era bastante tosco, quatro iniciais: VMDS. Passei os dedos sobre o relevo das letras. Examinei-as longamente à luz de vela. Tentava arrancar das iniciais algum significado. Queria entender o que diziam. (CARVALHO, 1999, p. 44)

O protagonista passa todo o jantar com a caixinha no bolso, sem averiguar do que se tratava o objeto que o outro rapaz lhe entregara. Contudo, ele tinha convicção de que aquela caixinha de madeira havia sido entregue a ele por engano. Já à noite, quando todos os convidados haviam ido embora, o narrador finalmente avalia o objeto e identifica as iniciais. A partir de então, deduzimos que a caixinha de madeira com suas inscrições constitui um elemento central para a compreensão do romance, uma vez que ela seria o referente que estaria relacionado de modo mais imediato ao título da obra – *As iniciais*. Intrigado com a inscrição, o narrador supõe que se trate de uma mensagem cifrada, ainda que não fosse ele o destinatário. Dentre várias possibilidades de significado que o protagonista atribui, aleatoriamente, em língua francesa, às iniciais inscritas na caixa, a primeira frase que ele imagina é « *Vous M'avez Donné le Salut* » (você me deu a saúde). Curiosamente, as mesmas iniciais, em francês, formariam a frase antípoda « *Vous M'avez Donné le Sida* », sendo que Sida é a sigla em francês para *syndrome d'immunodéficience acquise*, ou seja, AIDS.

Esta possibilidade de interpretação dos sinais inscritos na caixinha, jamais mencionada pelo narrador, permite a leitura das inciais como uma espécie de metáfora da doença. Desse modo, o próprio título do romance, ao fazer referência às iniciais entalhadas na caixinha de madeira, seria uma referência indireta à doença, uma vez que o nome mais popularmente conhecido – ou seja, AIDS – é formado a partir, justamente, da justaposição das iniciais do nome científico, Síndrome de Imunodeficiência Adquirida. Neste sentido, torna-se relevante ressaltar outros aspectos da obra que apontam para a presença da AIDS nas entrelinhas do livro. O título, *As iniciais*, reproduz sonoramente quase que de modo direto as siglas que dão nome à doença. Desse modo, o fim da palavra "inici<u>ais</u>" reproduz a mesma sequência sonora de AIDS, com exceção da consoante "d". Em um procedimento semelhante, a dedicatória do livro repete o mesmo efeito. O livro é dedicado "Para A. e D., quem quer que sejam", em uma referência ao

suposto personagem que seria A. e D. nas duas partes do livro. Quando lemos a dedicatória em voz alta, a sequência "A. e D.", a sonoridade que emerge remete novamente ao nome AIDS, com exceção da consoante "s".

Um outro procedimento relevante que diz respeito ao uso das iniciais e que, mais uma vez, remete ao título do romance, é a apresentação recorrente que o narrador faz dos diversos personagens apenas por suas iniciais. Não há nenhum personagem no livro que seja nomeado. A forma de apresentação dos personagens divide-se em duas. Ora eles são apresentados por iniciais, ora são apresentados por epítetos, que resumem uma característica que define aquele personagem. Desse modo, na primeira parte do livro, além dos personagens que já mencionamos anteriormente, temos ainda "o administrador de grandes fortunas", "a herdeira do império de laticínios", "o irmão, ex-campeão de tênis", "o namorado zulu", "os dois frequentadores de academia" e "o ator brasileiro". Na segunda parte do livro, o procedimento se repete. Nela, conhecemos, dentre outros personagens, além de D., já mencionado anteriormente, L., "a anfitriã", "a sobrinha da anfitriã", "a antropóloga", "a mulher que perdeu o filho", "o neurocirurgião" etc.. O narrador demonstra que a utilização das iniciais para se referir aos personagens como um recurso formal foi uma escolha, o que reforça o caráter metalinguístico do texto:

> Escrever à maneira de M., com todas essas iniciais, talvez seja a minha única vingança contra uma herança que não pedi – embora dela tenha desfrutado bastante – e que de certa maneira, eu diria, tive de pagar, também sem ser consultado, com a vida, ou pelo menos com o que eu tinha imaginado da vida. Minha revolta contra essa sina. Uma forma de ironizá-la e, com isso, revelá-la, mostrar que tenho consciência dela. (CARVALHO, 1999, p. 18)

Na passagem anterior, o narrador revela não só ter consciência do uso deste recurso formal de escrita como também o associa a uma experiência pessoal de perda e de um trauma profundo. Mais adiante saberemos que esta experiência de perda a que o protagonista se refere foi o fim do seu relacionamento com C.. No entanto, há inúmeras passagens no texto que sugerem a dúvida que o protagonista sustenta sobre a possibilidade de também ele ter sido contaminado, como, por exemplo, no fragmento acima, quando ele afirma que escrever com as iniciais seria uma "vingança contra uma herança que não pedi[u]". Mais

adiante, o narrador afirma: "Perdi todas as esperanças de passar o resto dos meus dias com quem eu mais queria. Perdi todas as ilusões. Fiquei com o troco do diabo. Passei a escrever. De alguma forma, uma coisa está ligada à outra" (Carvalho, 1999, p. 23). O fim do seu relacionamento com C. não implicou o distanciamento completo entre ambos. Conforme nos revela o protagonista, C. o telefona todos os dias para ter notícias suas. A separação não foi o suficiente para suprimir um elo que se mantém, mas que se configura como um vínculo inexplicável para o próprio narrador:

> Como H., C. também sobreviveu mas, ao contrário dela, não está doente. Não tem com o que se preocupar. Sua morte para mim não é mais uma ameaça, e também nunca chegou a ser um desejo, porque nem raiva em tive ou tenho [...] apesar de ficar me ligando todo dia sem me explicar ao menos a razão. E o que é pior: para não dizer nada. Liga, mas não quer falar. Talvez só para saber se ainda estou vivo. Morri para ele, mas ele não quer morrer para mim. (CARVALHO, 1999, p. 24)

O narrador nos informa que seu ex-namorado não está doente, o que, em certo sentido, poderia promover um alívio ao supor que ele próprio também não teria sido contaminado. No entanto, os telefonemas diários que sustentam um vínculo inexplicável reinstaura a dúvida do protagonista, que não entende qual a razão da preocupação do outro consigo. A permanência da dúvida aponta para o prolongamento da experiência da perda, que significa não só a perda vivenciada no campo amoroso como também a perda concreta dos amigos que morreram em decorrência da doença: "Nem uma palavra sobre as iniciais. E é por isso que eu demorei tanto para entender que, se continua me ligando todos os dias sem ter o que dizer, é só para não me deixar esquecer que aquele tempo já passou" (CARVALHO, 1999, p. 83).

Se o narrador faz um uso consciente das iniciais para se referir a alguns dos personagens, a utilização dos epítetos para se referir a outros também é motivada e produtora de um sentido. Em outra passagem, já na segunda parte do livro, o protagonista conversa por alguns instantes com uma antropóloga, que relata os diferentes hábitos e modos de vida de uma tribo indígena que ela havia estudado. A antropóloga explica o modo como esses índios definem as relações sociais dentro da tribo e como elas estão necessariamente vinculadas ao processo de nomeação de cada indivíduo:

> Os índios I. não podem ser chamados fora da relação social ou familiar. Porque não têm nomes próprios. Só podem ser conhecidos dentro de um contexto comum. Por exemplo: se um determinado indivíduo I. não sabe caçar, ele será conhecido pelos outros como Aquele Que Não Sabe Caçar. Só que isso ele não sabe [...]. Esse nome só é usado pelo resto da tribo quando querem se referir a ele, mas nunca na presença dele, nem para chamá-lo [...]. (CARVALHO, 1999, p. 117)

Este procedimento detalhado pela antropóloga coincide com o recurso utilizado pelo narrador para se referir aos demais personagens por meio dos epítetos. Quando ele se refere a "o administrador de grandes fortunas", ou "a herdeira", ou "a sobrinha da anfitriã", ou "a antropóloga", o narrador define um lugar social a cada um destes personagens que passam a significar aquele papel social que ocupam dentro de um conjunto de relações. Em contraposição, no entanto, os demais personagens apresentados por meio das iniciais não se enquadram dentro da mesma lógica de relações interpessoais. Aliás, pouco sabemos a respeito de cada um dos personagens que são apresentados por suas iniciais. Esta divisão instaura uma perspectiva de leitura em que podemos compreender que os personagens apresentados por iniciais seriam supostamente personagens contaminados – como, de fato, se confirma nas histórias de M., G. e H., ao menos. Neste sentido, fica sugerida uma redução dos personagens à inicial de seu nome, tornando-se cada inicial uma espécie de ícone de sua própria existência que, por sua vez, remete à ideia da doença, já que as iniciais, como deduzimos a partir da interpretação do título do romance, podem ser lidas como uma referência à AIDS ou ao HIV.

A redução da experiência individual a uma metáfora da doença – mais especificamente, de uma doença fatal ou de forte impacto na vida do paciente –, como fica sugerido por meio do procedimento utilizado pelo narrador ao se referir a alguns dos personagens apenas pelas iniciais de seus nomes, se revela significativa da representação de um trauma. O sujeito que se depara com a confirmação da contaminação pelo vírus HIV ou com o diagnóstico de AIDS experimenta no campo pessoal uma mudança de toda sua história de vida, que passa a ser ressignificada a partir da experiência da doença. Sua identidade, seu futuro e também seu passado passam a ser vislumbrados e compreendidos a partir de sua nova condição. Conforme apontam Fabiana Carelli e Davina Marques, o reconhecimento de uma doença não muda apenas o futuro do paciente, ele muda

também o passado: "esse 'reconhecimento pode também transformar radicalmente o *passado* – certamente, não na concretude ou veracidade dos eventos que tenham ocorrido, mas em seu *sentido*. O passado termina por ser completamente diverso após um reconhecimento desse tipo!" (Carelli, Marques, 2014, p. 49; itálicos das autoras; trad. livre)[2]. Neste sentido, torna-se significativo o fato de o narrador ser anônimo, ou seja, ele não tem um epíteto e nem uma inicial que o apresente. O anonimato seria, desse modo, uma performatização, por meio do *não dito*, da permanência da dúvida que o dilacera: ele também estaria contaminado ou não?

As variadas possibilidades de interpretação das iniciais no romance reforçam a presença da AIDS e, com isso, vinculam a doença de maneira decisiva à vida do narrador protagonista. No entanto, torna-se significativo o fato de que em nenhum momento o nome ou as siglas da doença ou do vírus sejam literalmente mencionados, no romance. Quase todos os indícios de sua presença são inferidos por meio de metáforas. Susan Sontag, quando escreve seu ensaio sobre a AIDS, afirma que as diferentes metáforas de uma doença induzem ao estigma da doença e do paciente por ela acometido. Sontag explica qual a sua motivação para esta conclusão. Antes de haver escrito seu ensaio sobre a AIDS, Sontag havia escrito um outro ensaio, "Doença como metáfora", enquanto fazia ela própria um tratamento contra um câncer de mama. Nessa fase de sua vida, incomodava-a particularmente as inúmeras metáforas que associavam o câncer a uma figuração do mal que deveria ser combatido. Para Sontag, o reforço desta e de outras imagens a respeito da doença tinham como efeito colateral a depreciação do próprio paciente, já profundamente abalado por seu estado de saúde, que teria que lidar com a presença, no próprio corpo, de um estigma social que não escolhera. Neste sentido, Sontag afirma que seria necessário desconstruir as diferentes metáforas criadas a respeito de diferentes doenças.

O romance de Bernardo Carvalho, no entanto, parece apontar, justamente, para o sentido inverso. Diante de uma experiência de profundo abalo físico e emocional, vivenciada por uma pessoa diagnosticada com uma doença grave, como a AIDS, a metáfora seria, justamente, um meio possível para falar sobre

---

[2] No original em inglês: "such 'recognition' may also change the *past* radically – certainly not in the concreteness or the verity of the events that took place, but in its *meaning*. The past turns out to be completely different after a recognition of this kind!"

esta experiência incomunicável. O paciente de AIDS ou o portador do vírus HIV se depara com uma nova situação que não só debilita sua saúde como também afeta todos os outros campos da sua existência. Este paciente é impelido a reconstruir sua autoimagem e sua identidade a partir de um dado novo, com o qual não sabe lidar. Como afirma Safatle, já mencionado anteriormente, "a doença não tem gramática própria" (2011, p. 12), ou seja, não há regras nem bases estabelecidas que permitam dizer a experiência da doença. Este "dizer" é um processo que perpassa, sobretudo, a maneira com que construímos nossos discursos em torno da doença e do estar doente.

Neste processo, o *não dito*, o silenciamento ou o dizer por entrelinhas se torna um meio de significação tão válido quanto a formulação desta experiência de forma clara e precisa, sobretudo porque uma experiência de forte abalo como a de uma doença grave tem como consequência a dificuldade de formulação desta nova e adversa experiência. O *não dizer* se torna, desse modo, um aspecto de fundamental importância na constituição de um discurso sobre a experiência da doença. Como afirma o narrador: "o óbvio não pode ser dito, nunca, [...] a verdade do óbvio é potente demais para ser repetida ou explicada, [...] o óbvio será sempre um ato puro e incompreensível, condenado à inverossimilhança das explicações" (Carvalho, 1999, p. 50-51).

Uma última manifestação do silenciamento diante da doença aparece já nas páginas finais do romance, mas, dessa vez, ele está relacionado não à dúvida ou ao abalo provocado pela descoberta da doença e, sim, à possibilidade da vida, diante do tratamento. Já na segunda parte do livro, o narrador se aproxima de D., que ele acreditava ser A., e escuta uma história que ele conta aos outros que estão em volta. D. fala de um jovem aborígene australiano que conhecera enquanto viajava e a quem oferecera carona por alguns dias. Este jovem cheio de vida carregava consigo uma mochila, com vários frascos, da qual nunca se desvencilhava:

> [...] ele tinha feito com discrição, sem que eu pudesse perceber, provavelmente nas minhas horas de sono, aquela mesma cerimônia nas noites e nas manhãs anteriores, como fazia todas as manhãs e noites de sua vida e teria de fazer pelo resto de seus dias, como condição para continuar vivo, abriu a mochila e começou a tirar vários frascos plásticos e de dentro deles várias pílulas que ia colocando num outro frasco menor, antes de engoli-las todas, com o auxílio de um copo d'água, em

> duas vezes, virando o pequeno frasco como se fosse uma lata de amendoins. Fez tudo com a maior naturalidade, na minha frente, e ficou esperando a pergunta que eu não fiz. Me fitou por um instante, pronto para responder, e eu tive que desviar o olhar. Na manhã seguinte, ele repetiu o mesmo ritual do coquetel de remédios [...]. (CARVALHO, 1999, p. 129)

Ao narrar esta passagem, D. dá ênfase à "pergunta que não fez" e ao "desvio do olhar". Este relato, no fim do romance, aponta para uma outra dimensão da experiência relacionada à doença: a introdução do outro na vida do paciente. Ambos não dizem nada sobre a necessidade dos remédios, mas o jovem australiano se demonstra pronto para responder. Quem silencia, desta vez, é o outro, que não sabe como lidar com a situação. O romance parece finalizar com uma espécie de pergunta: diante da possibilidade de vida viabilizada pelo tratamento da pessoa com AIDS ou com HIV, qual é a acolhida que esta pessoa pode ter entre os soronegativos? Como construir uma relação que inclua o soropositivo nas diferentes esferas de interação social? Uma vez superada as primeiras dificuldades clínicas por meio do controle da doença, torna-se evidente a necessidade de se alcançar o mesmo êxito no campo social, superando o estigma fortemente associado a esta doença. O romance de Bernardo Carvalho, ao tematizar a AIDS e ao elaborar um narrador que apresenta sinais de conviver com a dúvida da contaminação, configura-se como um esforço para inserir esta experiência, ainda pouco compreendida e aceita, entre diferentes contextos sociais.

Referências

CARELLI, Fabiana; MARQUES, Davina. How to Change Lives with Words. In: SANDBERG, Eric; SCHEURER, Maren (Orgs.). *Culture, Experience, Care:* (Re-) Centring the Patient. Oxford: Inter-Disciplinary Press, 2014, v. 1, p. 47-56.

CARVALHO, Bernardo. *Onze:* uma história. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. *Os bêbados e os sonâmbulos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. *Teatro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. *As iniciais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

_____. *Medo de Sade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CASTILHOS, Euclides Ayres de; BASTOS, Francisco Inácio. Aids (1981-1997): o rastro de uma tormenta. *Revista USP*. Dossiê Aids. São Paulo, n. 33, p. 7-19, 1997.

GIOVANNETTE, Andrea; ÉVORA, Iolanda. A Aids como construção social. *Revista USP*. Dossiê Aids. São Paulo, n. 33, p. 127-135, 1997.

RAVETTI, Graciela. A fala interminável: *As iniciais*, de Bernardo Carvalho. *O eixo e a roda*. Belo Horizonte, v. 15, 2007, p. 15-26.

SAFATLE, Vladimir. O que é uma normatividade vital? Saúde e doença a partir de Georges Canguilhem. *Scientiae Studia*, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 11-27, 2011.

SONTAG, Susan. *Doença como metáfora, AIDS e suas metáforas.* São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

THOMAZ, Paulo Cesar. *O dilaceramento da experiência.* As poéticas da desolação de Bernardo Carvalho e Sergio Chejfec. 2009, 217f. Tese (doutorado em Literatura) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

Submetido em: 27-11-2015
Aprovado para publicação: 19-05-2016